



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III GUARABIRA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

JOSÉ HERCULANO DE ARAÚJO JUNIOR

**ESTRUTURAÇÃO COMERCIAL DA SOCIEDADE MESOPOTÂMICA:
CARACTERÍSTICAS DAS PRÁTICAS QUE ANTECEDERAM O COMÉRCIO**

**GUARABIRA
2019**

JOSÉ HERCULANO DE ARAÚJO JUNIOR

**ESTRUTURAÇÃO COMERCIAL DA SOCIEDADE MESOPOTÂMICA:
CARACTERÍSTICAS DAS PRÁTICAS QUE ANTECEDERAM O COMÉRCIO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento do
Curso de História da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
para à obtenção do título de
Licenciatura plena em História

Orientador: Prof. Dra. Alômia
Abrantes da Silva

**GUARABIRA
2019**

JOSÉ HERCULANO DE ARAÚJO JUNIOR

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474e Araújo Junior, José Herculano de.
Estruturação comercial da sociedade mesopotâmica [manuscrito] : característica das práticas que antecederam o comércio / Jose Herculano de Araujo Junior. - 2019.
21 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva ,
Coordenação do Curso de História - CH."
1. Comércio. 2. Mesopotâmia. 3. Oriente Próximo. I. Título
21. ed. CDD 330


JOSÉ HERCULANO DE ARAÚJO JUNIOR

ESTRUTURAÇÃO COMERCIAL DA SOCIEDADE MESOPOTÂMICA:
CARACTERÍSTICAS DAS PRÁTICAS QUE ANTECEDERAM O COMÉRCIO

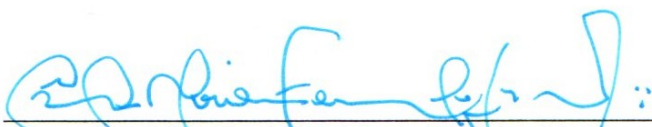
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento do
Curso de História da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
para à obtenção do título de
Licenciatura plena em História

Aprovada em: 28/11/19.

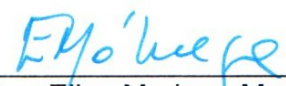
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Alômia Abrantes da Silva(Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira Lima
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Elisa Mariana Medeiros Nóbrega
Instituto Federal da Paraíba (UEPB)

A toda minha família que sempre me apoiou em minha caminhada, especialmente a minha esposa Ismênia Figueiredo e a meu Filho Miguel Vinícius DEDICO.

“Não se conhece completamente
uma ciência enquanto não se souber
da sua história”

Auguste Comte

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	O COMÉRCIO MESOPOTÂMICO.....	11
3	O COMÉRCIO E A IDÉIA DE VALOR NA MESOPOTÂMIA.....	15
3.1	O valor simbólico.....	16
3.2	O valor abstrato.....	18
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
	REFERÊNCIAS.....	21

ESTRUTURAÇÃO COMERCIAL DA SOCIEDADE MESOPOTÂMICA: CARACTERÍSTICAS DAS PRÁTICAS QUE ANTECEDERAM O COMÉRCIO

José Herculano de Araújo júnior

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar e discutir aspectos relacionados a emergência e desenvolvimento das práticas comerciais no processo de organização e controle econômico na Mesopotâmia, onde surgiram as primeiras civilizações. Para tanto, baseia-se nos contributos historiográficos de autores dedicados ao estudo das estruturas econômicas na Antiguidade, como Jaime Pinsky, Ciro Flamarion Cardoso, e à história da contabilidade, a exemplo de Paulo Schmidt, José Luiz dos Santos, Sergio de Ludícibus, dentre outros. Busca observar como se formou e estruturou o comércio na região da Mesopotâmia, procurando caracterizar suas práticas mais comuns. Como resultado, reitera a importância da existência e estruturação das relações comerciais para o desenvolvimento das primeiras civilizações, com seu sistema de valor simbólico e abstrato, refletindo socialmente em termos de viabilidade material, quanto de desenvolvimento cultural.

Palavras-chave: Comércio. Mesopotâmia. Oriente Próximo

ABSTRACT

The purpose of this paper is to present and discuss aspects related to the emergence and development of commercial practices in the process of economic organization and control in Mesopotamia, where the first civilizations emerged. To this end, it is based on the historiographical contributions of authors dedicated to the study of economic structures in antiquity, such as Jaime Pinsky, Ciro Flamarion Cardoso, and the history of accounting, such as Paulo Schmidt, José Luiz dos Santos, Sergio de Ludícibus, among others. It seeks to observe how trade was formed and structured in the Mesopotamian region, seeking to characterize its most common practices. As a result, it reiterates the importance of the existence and structuring of trade relations for the development of early civilizations, with their symbolic and abstract value system, reflecting socially in terms of material viability as well as cultural development.

Keywords: Commerce. Mesopotamia. Near East

1 INTRODUÇÃO

Durante seu processo de desenvolvimento, o humano cria e aprimora mecanismos necessários a manutenção da sua vida em sociedade. Esses mecanismos podem ser percebidos desde os grupos do período pré-histórico. Dentre esses mecanismos, a prática de atividades comerciais esteve presente como instrumento fundamental à dinâmica da vida humana, e cresceu de forma determinante junto com as cidades. A produção, o controle, a acumulação, o excedente, a compra/venda, os empréstimos, dentre outros, fizeram com que as sociedades (ou parte delas) chegassem ao que se entende modernamente por sistema comercial.

O comércio, desde tempos remotos, mostrou-se como algo mais do que uma mera atividade presente nas tentativas de organização da sociedade. Suas explicações sempre contiveram intenções práticas, e um forte desejo de interagir no rumo das civilizações. Se o pensamento científico sempre guarda uma correspondência com a vida social, no comércio esta influência é particularmente marcante (MARTINS,1994). Os interesses econômicos dos grupos e das hierarquias sociais, que na sociedade Mesopotâmica apresentavam-se, como veremos, de forma divergente, caracterizou uma das primeiras manifestações da vida humana de forma ordenada, que foi influenciada profundamente pela elaboração do pensamento comercial que as precederam.

O comércio tornou-se, desde a Antiguidade, uma atividade de suma importância para prover os elementos necessários à sobrevivência e a continuidade das sociedades. Ele perpassa o simples processo de troca de bens e influencia o próprio desenvolvimento social a partir do momento em que possibilita também as relações interpessoais. Dessa forma, a prática do comércio apresenta-se como um catalizador social, modificando a dinâmica da sociedade de acordo com as necessidades inerentes ao momento. Diferente dos dias atuais, em que o comércio apresenta-se definido e estruturado para atender os diversos públicos e suas referentes necessidades, e direcionado a um objetivo específico – o capital -, o comércio primitivo teve que lidar com o desafio de mediar as relações entre indivíduos distintos, que englobavam em certos momentos, o urbano e o rural, ajudando a estruturar, a definir o urbano;

espaço atribuído à nobreza, aos proprietários da terra, e o rural; lugar do camponês, responsável pelo fornecimento de produtos e mão de obra.

O comércio tende a refletir as aspirações da sociedade a que pertence. Suas necessidades, as classes ou grupos sociais que a compõem. E em relação à Antiguidade, antecede mudanças que transformaram núcleos humanos em sociedades de estrutura complexa como cidades-estados da Mesopotâmia. Pois, “após organizar-se sedentariamente como agricultor, atingindo a autossuficiência e administrando o excedente, o passo seguinte torna-se natural e de fato ocorre: a urbanização” (PINSKY, 1994, p.42).

Partindo disto, o objetivo deste artigo é apresentar e discutir a emergência e estruturação comercial na antiga Mesopotâmia, observando sua atuação no desenvolvimento daquela região onde situam-se a origem das primeiras cidades de que se tem conhecimento. Para isso, apoia-se em uma pesquisa de cunho bibliográfica, ouvindo especialistas de diferentes correntes, mas com predominância da influência do materialismo histórico. Destacamos, por exemplo, a contribuição de autores como Jaime Pinsky, O. Rouault, Ciro Flamarion Cardoso e de pesquisadores a exemplo de Paulo Schmidt, José Luiz dos Santos, Antônio Lopes de Sá, Sergio de Iudícibus, dentre outras referências, inclusive obtidas em meio digital.

O texto está dividido em dois momentos: primeiro, observa-se como surgiu e se desenvolveu o comércio na Mesopotâmia, suas causas e efeitos nos diversos núcleos sociais que formavam aquela região. Apresenta a dinâmica do comércio e como gradativamente ele se expandiu e se tornou cada vez mais complexo a ponto de exigir do Estado uma estrutura unicamente ou mais enfaticamente preparada para administrá-lo. Num segundo momento, aborda-se a inserção da ideia de valor; o valor simbólico, caracterizando uma representação dos elementos naturais para fins de controle e senso de posse, e o valor abstrato, a partir da escrita e de outros meios de registro e controle de negociações. Parte-se das primeiras formas de registro de concessões de bens sem a concepção de valor abstrato à organização e registro do fluxo interno das e entre as cidades-estados.

No tocante à metodologia da pesquisa recorrer-se-á à pesquisa bibliográfica. Que Segundo Marconi; Lakatos (2003), “não é mera repetição do que já foi escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob

novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Para Gil (1999) pesquisa é “o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”. Ou seja, a pesquisa acontece mediante um processo o qual se buscam informações para responder questionamentos e assim, permite um pensar reflexivo sobre o assunto estudado.

2 O COMÉRCIO MESOPOTÂMICO

A estrutura econômica da baixa Mesopotâmia, a cerca de 5000 a.C. aponta um comércio em formação, e uma organização urbana relativamente preparada para esse fim, com divisões territoriais características de um sistema de posse e arrendamento, produção para comercialização, e de transporte para escoamento de mercadorias. Essa configuração da região, localizada no Oriente Próximo, na região conhecida por Crescente Fértil, banhada pelos rios Tigre e Eufrates, provocada por meio da urbanização, proporcionou significativas mudanças sociais e econômicas:

Ricos no que se refere à fertilidade das terras, mesopotâmicos e egípcios eram muito pobres em matérias-primas, algumas delas essenciais. O Vale do Nilo não tinha madeira para construção, nem pedras ou minérios. A Suméria não estava em situação melhor. Com as obras hidráulicas, os egípcios e sumérios desenvolveram um comércio com povos vizinhos destinados a suprir suas terras das matérias-primas fundamentais. Forma-se então um grupo de comerciantes, de trabalhadores em transporte e de artesãos para trabalhar a matéria-prima, todos eles alimentados pelo restante da sociedade que continuava a produzir alimentos. (PINSKY, 2018, p.65)

O comércio assim funciona como um catalizador das relações sociais. Ao estudarmos as diversas sociedades existentes, mesmo as pré-históricas, na forma, por exemplo, de trocas (DORES, 2017), o comércio apresenta-se como um mecanismo desenvolvido para sanar uma deficiência encontrada nas sociedades: a ausência de determinados elementos que eram necessários à sobrevivência humana e desenvolvimento dos seus agrupamentos, como refere-se acima Jaime Pinsky (2008).

Uma peculiaridade do sistema comercial desenvolvido na Mesopotâmia é que esta foi palco dos primeiros assentamentos humanos a constituir uma

urbanização organizada já por volta de 3.000 a.C e, por conseguinte, um comércio de característica singular. Na sociedade Egípcia, por exemplo, o sistema comercial existente fora incrementado com técnicas desenvolvidas na Mesopotâmia quando do contato entre as duas civilizações (CARDOSO, 1990). Já no desenvolvimento do comércio mesopotâmico, no entanto, não se tinha um modelo a se seguir. Nessa questão, a região estudada tem a vanguarda de muitas soluções estruturais, como afirma Cardoso (1990):

Trata-se de fato, da mais antiga região do planeta a urbanizar-se. Por isso mesmo no velho mundo, constituiu-se a única área que efetuou por si só, tal processo sem dispor de modelos externos a que se pudesse referir. Foi preciso, ao longo de quatro milênios, ir achando soluções para os problemas novos que fossem surgindo, enquanto o modo de vida urbano ia se consolidando (CARDOSO 1990 p.23)

É dentro desse contexto de novos problemas que surgem, dentre outras coisas, a necessidade de controlar as relações comerciais. Produzindo assim a atmosfera ideal ao desenvolvimento de mecanismos de registro. Outro ponto importante a esta questão foi a gradual ampliação do alcance das “trocas” comerciais que tomou dimensões “internacionais”. Em relação a essa questão Maia (2007, p. 2), coloca que, “em épocas pré-históricas, as trocas ocorriam entre habitantes da mesma tribo. Com a evolução do relacionamento humano, o campo de ação de trocas ampliou-se, sucessivamente, para as cidades, nações e, finalmente para o mundo. No entanto, devido à carência de fontes confiáveis, não podemos definir com maior grau de certeza como se davam essas trocas. Se essas caravanas deslocavam-se de uma região a outra apenas para buscar o que lhes faltava, e em troca, oferecer o que produziam, ou se já se tinha por objetivo o lucro pela troca. Para Rouault:

Não é possível falar, em tempos tão antigos, de um verdadeiro comércio, pois não sabemos quase nada sobre as modalidades dessas trocas. Difícil afirmar se elas correspondiam a fenômeno de escambo ou eram efetuadas por um ou vários grupos especializados nessa atividade, sendo o material comprado e depois redistribuído para uma população mais sedentária. (ROUAULT 2004, p. 25).

Havia também a dificuldade para se obter colheitas suficientes para suprir a demanda trazida pelo crescimento demográfico. Na região da Mesopotâmia, certamente as condições climáticas foram um dos motivos

naturais que precipitou o surgimento do comércio, juntamente com a geografia irregular que apresentavam planícies áridas, cultiváveis apenas ao longo dos dois grandes rios, Tigre e Eufrates, que abasteciam a região, também como estepes e montanhas onde só se podia praticar a agricultura seca. Apesar de estarem situadas na região do Crescente Fértil, que recebeu esse nome devido a sua grande capacidade de produzir alimentos agrícolas, as condições favoráveis a agricultura só poderiam ser aproveitadas a partir de um trabalho sistemático que envolveria toda a sociedade num sistema de produção e escoamento para aquisição dos produtos que não eram possíveis de se encontrar na região. Tem-se ali uma diversidade de climas e territórios. É a partir dessa diversidade que se explica a necessidade do comércio e da circulação de bens no intuito de garantir a sobrevivência.

Formou-se assim em toda a região mesopotâmica um sistema de abastecimento mútuo baseado na troca para adquirir materiais que “só poderiam ser obtidas fora da região. As escavações arqueológicas comprovam que, desde a pré-história, tais trocas foram efetuadas às vezes a distâncias muito consideráveis.” (CARDOSO, 1990 p. 24). O comércio com base na troca desenvolveu-se provavelmente até a criação da escrita, onde se teve um refinamento na dinâmica das negociações com o registro e arquivamento do processo, caracterizando uma “troca formal”.

Esse comércio desenvolvido pela necessidade da sobrevivência em um primeiro momento era praticado pelas comunidades mais próximas da Mesopotâmia, e gradativamente expandiu-se por regiões distantes exigindo o desenvolvimento de métodos para controlar os movimentos de troca. Durante todo o período, os diversos povos que habitaram aquelas localidades utilizaram-se de técnicas de registro de seus negócios na medida em que se aumentavam as distâncias e as quantidades. Todavia, é importante lembrar que, apesar da escrita cuneiforme ser o referencial mais utilizado como ponto de partida de uma “contabilidade rudimentar” (ROUAULT 2004, p.26), o sistema contábil mesopotâmico, entendido como uma forma de fazer-se saber o andamento de bens materiais a partir de um registro é bem anterior ao surgimento da escrita cuneiforme. Tendo em vista que, “escrever” era uma ação praticada quase que unicamente pelos sacerdotes, a grande maioria da

população, camponeses e comerciantes utilizava-se de outras formas de registro.

Nesse momento é importante perceber que, com a expansão e consolidação do comércio, houve uma maior ênfase na captação de impostos para a manutenção dos templos, das cidades e da organização militar, fazendo com que o Estado organizasse um sistema de canalização da economia, com indivíduos preparados única, mas não exclusivamente para “contabilizar” todo o processo. “Estes[indivíduos] intervêm [no comércio] para garantir certas condições de legitimidade e de legalidade, além de cobrar os impostos.”, diz Rouault (2004, p.26). Já, sobre isso, acrescenta Arruda:

Formou-se assim uma classe social que personificava o Estado. Essa classe social era formada principalmente pelos nobres, funcionários e sacerdotes; esses elementos se beneficiavam da renda das propriedades, arrendadas pelos funcionários do estado. Na Mesopotâmia, a instituição superior que concentrava a riqueza e cobrava aos camponeses e artesãos era o templo, administrados pelos sacerdotes. (ARRUDA, 1993, p. 78)

Constituiu-se então, um sistema de controle que englobava toda a sociedade Mesopotâmica, e que permitia ao Estado, canalizar a economia para fins específicos, com a instituição de uma máquina administrativa que primeiro se fez presente nos templos e posteriormente seria redirecionado para o palácio. No entanto esse controle estatal não bloqueou as relações interpessoais entre cidadãos e estrangeiros, e cidadãos entre si, criando uma economia paralela ao domínio do Estado, também como leis que vigoravam entre eles. Na verdade, o controle estatal partiu das relações comerciais desenvolvidas nessa economia “informal”. Pois, se em um dado período histórico, se construiu esse controle pelo Estado (que, grosso modo também é produto dessa economia primária), o comércio entre cidadãos já era bem anterior a ele. Para Rouault (2004, p.24):

Os habitantes das cidades e os cidadãos dos Estados antigos estão ligados, entre si e aos “estrangeiros”, por relações econômicas muito claras, já estabilizadas e codificadas. Mesmo não sendo possível ter certeza da existência de uma economia de mercado no sentido moderno do termo, ou seja, baseada na lei da oferta e da procura, constatamos, no entanto, que o comércio entre particulares dispõe de um importante campo de ação fora do controle do Estado.

Temos então, de forma análoga ao sistema econômico atual, uma economia formal; controlada pelo Estado e voltada ao desenvolvimento das cidades-estados, e a manutenção da nobreza. E uma economia informal, praticada pelos camponeses e comerciantes que viviam geralmente fora da cidade amuralhada, e assim, longe dos olhos dos cobradores de impostos.

A importância do comércio na Mesopotâmia, segundo Pinsky (2018, p.84), pode ser avaliada pelo papel do *tankarum*, que era “um misto de mercador, atacadista, usuário e funcionário do governo. Auxiliava na arrecadação de taxas, comprava em nome do rei e emprestava dinheiro para os agricultores”. A especialização do trabalho deste funcionário, bem como o desenvolvimento de um sistema cuidadoso e mais preciso de padrões e medidas, indiciam a relevância das práticas comerciais e do sistema de arrecadação de impostos da região.

3 O COMÉRCIO E A IDEIA DE VALOR NA MESOPOTÂMIA

Toda a movimentação de bens e produtos que está presente na formação e estruturação da sociedade mesopotâmica requereu um vasto sistema de mediação das negociações. Esse processo, no entanto, não se deu de forma homogênea, tendo em vista que as cidades se desenvolveram de forma individual, apesar de estarem atreladas umas às outras pelo comércio (PINSKI, 1994). Assim cada grupo em cada momento dessa sociedade e, considerando também o lugar em que essas pessoas viviam (se dentro, ou fora das cidades, se eram camponeses ou comerciantes de outras regiões) tinham seus métodos de controle dos negócios, atribuindo valores que eram reconhecidos entre eles. Nesse contexto podemos destacar dois mecanismos que permitiram um controle das diversas formas de consolidação do comércio na Mesopotâmia: o valor simbólico e o valor abstrato. Vamos analisar mais a fundo cada uma dessas questões. Lembrando que esses elementos, em determinado momento coabitaram na mesma sociedade.

No período de organização inicial das cidades, não se pode pensar numa substituição de mecanismos como, por exemplo, o valor simbólico pelo valor abstrato. Apesar deste se valer da escrita, e da matemática pare se

efetivar, tornando-se mais dinâmico, e o valor simbólico ter como característica uma unidade de medida concreta, palpável e, por conseguinte ser necessário um maior “traquejo” para utilizá-lo, eles estavam presentes no mesmo núcleo social, tendo em vista que ali existiam pessoas que dominavam a escrita (que no caso era uma minoria) e pessoas que não conheciam essas técnicas.

3.1 O valor simbólico

Comunicar-se por imagens é uma prática sempre presente nas sociedades humanas. Desde o período das “cavernas” o homem utiliza-se de símbolos para registrar suas atividades e, com o desenvolvimento dessas imagens, registrar e transmitir mensagens. Sendo assim nos parece natural que uma das primeiras formas de registrar o controle do comércio primitivo, também como o desenvolvimento da produção seja um mecanismo que envolva os símbolos.

As fichas de barro foi uma das primeiras formas de representar os elementos que eram negociados. Apesar de não se descartar a hipótese de que outros materiais como conchas e pedras também possam ter sido utilizados. Essas “primeiras fichas de barro [são datadas de] 8000 a.C [e foram encontradas] em Uruk, antiga cidade da Mesopotâmia e centro da civilização suméria” (SCHMIDT, SANTOS 2006, p.13), portanto, empiricamente comprovado sua utilização para esse fim.

Imagem – fichas de barro



Fonte – arquivos do autor

O controle da produção agrícola e da criação de animais, assim como o comércio não poderia mais ser feito apenas pelos acordos informais falados. Essa antiga forma de relação tribal não permitia uma administração em grande escala. Tempo e distância também formaram forte influência a necessidade de uma forma de controle mais visível, física e, portanto, confiável.

As fichas de barro permitiram maior dinâmica na conclusão dos negócios e mais segurança no controle de transações a longo prazo. Basicamente elas se dividiam em duas categorias: fichas de barro simples e complexas. Tanto uma como outra eram agregadas a um grupo de urnas que juntas formavam o sistema de controle da produção agrícola e dos rebanhos principalmente (SCHMIDT, SANTOS, 2006).

Uma das primeiras questões que podemos apontar em relação a essas categorias de fichas é que, as fichas de barro simples eram basicamente da zona rural, talvez por isso sua característica mais rudimentar; Tinham forma de esferas, discos, cilindros, ovoides, triângulos, retângulos etc. já as fichas complexas eram mais elaboradas, contendo, além dos diversos formatos, entalhes ou pontuações e também podiam se apresentar perfuradas e, sobretudo eram usadas nas cidades e nos arredores dos templos (SCHMIDT, SANTOS, 2006).

Na prática tinha-se o controle exato do destino dos diversos bens utilizados pelo comerciante ou pelo pastor. Esse método informava o destino do bem comercializado ou mesmo processado. As fichas de barro simples eram utilizadas tanto para o comércio, na forma de crédito ou débito, quanto para o controle dos rebanhos por exemplo. Aplicando-se neste o controle de fluxo.

Ao analisarem a Arqueologia da Contabilidade no “História do Pensamento Contábil”, Paulo Schmidt e José Luiz dos Santos, atentam para a dinâmica do uso das fichas de barro. Segundo os autores:

Fica evidente que as transações comerciais eram representadas por transferências de fichas de barro refletindo a entrada ou saída física de ativos. Por exemplo, a transferência de um carneiro de um pastor para outro representava a transferência de uma ficha de barro de um envelope para outro. Portanto, a entrada de uma ficha (representando um carneiro) dentro de um envelope (este envelope representando um pastor “x” ou um curral) correspondia a um crédito na conta carneiro, contra um débito na conta pastor “x”, enquanto uma eventual saída desta mesma ficha, deste mesmo envelope

caracterizava um crédito para a conta pastor” contra um débito na conta pastor “y”. Essa transferência de mercadorias de uma localização a outra caracteriza um sistema de partidas dobradas. (SCHMIDT; SANTOS, 2006 P.16-17).

Portanto, as fichas de barro, de formas simples ou complexa eram usadas de modo similar, fornecendo no sistema de partidas dobradas o registro simultâneo de entrada e saída de bens em diferentes lugares a partir de um método preestabelecido.

Esse sistema, além de apresentar o modo como se administrava os bens e a produção de um indivíduo ou grupo de indivíduos, mostra claramente um balanço das posses destes, tendo em vista que esse sistema de partidas dobradas encabeçava o controle de toda produção dos que o utilizavam.

Nesse mecanismo percebe-se a utilização do valor simbólico como forma de expressão da necessidade de se manter o controle sobre o que se produz. O valor simbólico foi por muito tempo à única forma de se estabelecer um acordo “formal” e um controle seguro das relações comerciais e de produção. Posteriormente, com o desenvolvimento da Mesopotâmia, outros mecanismos foram incorporados à sociedade, permitindo uma maior dinâmica e precisão ao comércio como é o caso da escrita e da matemática.

3.2 O valor abstrato

A abstração dos valores antes representados por unidades físicas é um dos principais reflexos dessa complexidade descrita pelo autor citado. Mesmo que as fichas de barro resolvessem em parte a questão do controle, a demanda tornava inviável aquele mecanismo. Devido ao incremento na atividade mercantil, bem como ao aumento de mercadorias em circulação, o sistema de tábuas tornou-se complexo. (CRUZ, SILVA 2002).

Num primeiro momento, a escrita a representação era feita através de símbolos e desenhos: “uma imagem estilizada de um objeto significava o próprio objeto. O resultado era uma escrita complexa [...] e seu uso era bastante complicado” (A HISTÓRIA DO ALFABETO, 2014). Assim, os sinais tornaram-se gradativamente mais abstratos, tornando o processo de escrever mais dinâmico e objetivo. Como explica Meregge:

O mais antigo sistema de escrita de que se tem notícia foi inventado pelos sumérios, habitantes da antiga Mesopotâmia, nos milênios IV e III antes de nossa era. [...] Isso se deu por razões de ordem prática, já que, segundo a corrente de estudos mais aceita, uma das primeiras funções da escrita foi o registro das atividades comerciais. Com o crescimento das cidades e a centralização do poder, os funcionários dos templos e palácios passaram a se utilizar de um número cada vez maior e mais complexo de sinais, a princípio ideográficos – por exemplo, o sinal relativo a um boi é semelhante à cabeça desse animal – mas que, ao longo do tempo, foram-se tornando mais e mais estilizados. Nos textos mais antigos, os caracteres eram desenhados sobre argila úmida com uma ferramenta pontiaguda feita de junco ou madeira. Porém, à medida que os sinais se tornavam mais simples – o que também contribuiu para que se padronizassem –, o instrumento de escrita passou a ser mais achatado, deixando uma marca típica em forma de cunha, ou *cuneus* em latim. Foi daí que derivou o nome cuneiforme, pelo qual esse sistema de escrita ficou conhecido. (Merege, 2011, p.173)

Essa complexificação da escrita atingiu o sistema numérico. De certo, registrar um volume maior de mercadorias ou de animais seria menos complicado se substituíssem uma determinada quantidade de fichas de barro por um único símbolo. Agora não seria mais, por exemplo, dez fichas que representassem dez animais, mas sim, um único símbolo grafado em uma taboa de argila que remeteria a esse valor. Essa resignificação dos registros mudou rigorosamente a dinâmica comercial da Mesopotâmia.

Podemos também atribuir essa abstratização dos valores, a partir da inserção da matemática na sociedade mesopotâmica. Fazer cálculos no intuito de auxiliar o desenvolvimento da sociedade era uma prática presente já desde séculos antes dos mesopotâmicos, pois “o método de contagem mais antigo é o do osso ou do pedaço de madeira entalhado. Os primeiros testemunhos arqueológicos conhecidos dessa prática datam do período aurignacense (35 mil a.c. a 20 mil a.c.)”. (BRANCO, DEURSON, 2011, p. 68).

Porém, é importante salientar que, a matemática em si não foi “criada” pelos mesopotâmicos, nem por outros povos do mesmo período histórico. Ela se configurou tempos depois. Havia sim, diferentes sistemas numéricos desenvolvidos paralelamente por egípcios, gregos, mesopotâmicos, chineses etc. (BRANCO, DEURSON, 2011).

É importante percebermos que esse sistema numérico, adicionado à escrita e a necessidade de registro, permitiu uma expansão comercial mais

consistente e segura. A consolidação do valor abstrato possibilitou a contabilização das relações comerciais de forma mais ampla, permitindo não somente a percepção de posse, mas também a percepção de lucro e o controle do fluxo econômico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na formação da sociedade mesopotâmica, o comércio teve função crucial para a consolidação desta sociedade enquanto estado. Percebemos no decorrer da pesquisa que nessa formação construiu-se e aprimorou-se diversos mecanismos que observados em conjunto, formaram um sistema que entendemos como uma ancestralização da economia moderna.

Percebe-se que na Mesopotâmia, os elementos que estavam diretamente relacionados com o comércio foram aprimorados de acordo com as necessidades apresentadas nos diversos momentos de sua trajetória: as fichas de barro; que formaram um primeiro sistema de controle, seguido de sua aquisição de complexidade devido ao aumento do comércio. O valor abstrato; construído a partir do desenvolvimento da escrita e da chegada dos sistemas numéricos que viabilizaram maiores demandas.

Esses elementos formaram o que Oliver Rouault chamou em seu texto “O cerimonial do comércio”, de [comércio] rudimentar.

Em linhas gerais, o comércio facilitou e possibilitou aspectos determinantes do desenvolvimento dos diversos núcleos sociais e dos diferentes povos que habitavam a região da Mesopotâmia. Esse desenvolvimento lançou a necessidade de um sistema de controle que, de modo formal ou informal, possibilitou a manutenção da sociedade em seus diversos níveis. Fez-se necessário desenvolver métodos cada vez mais complexos e seguros de registrar, armazenar e principalmente de processar as informações relativas aos negócios.

REFERÊNCIAS

A HISTORIA DO ALFABETO. Disponível em: <<http://www.10emtudo.com.br/artigo/a-historia-do-alfabeto/>> acesso em: 13/09/2019.

ARRUDA, J.J.A. **história antiga e medieval**. 16ª ed. São Paulo, Editora Ática, 1993.

BRANCO, Claudio Castelo; DEURSEN, Felipe Van. **A vida sem números**. Superinteressante, São Paulo, ed. 296, ano 24 nº 9, pp. 66-71. 2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Antiguidade Oriental: Política e Religião**. São Paulo: Contexto, 1990. pp. 23-30.

CARNEIRO CHAGAS, I. M. **As salas de cinema como espaço de lazer na cidade de São Luiz (MA), no período de 1897 a 1920**. 2011. 14f. Simpósio de história do Maranhão Oitocentista. Universidade Estadual do Maranhão. 2011. P.14.

CRUZ, Carlos G. C.; SILVA, Amilton P. **Fragmentos da História da Contabilidade: da Antiguidade a Luca Pacioli**. Disponível em: <http://www.ctcc.com.br/dicas_9.-htm>. Acessado em 13/09/2019.

IUDÍCIBUS, Sérgio. **Teoria da contabilidade**. 5º ed. São Paulo: Atlas, 1997.

MARTINS, Carlos Benedito. **O que é Sociologia**. 38ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. P.53. (Coleção Primeiros Passos).

MAIA, Jaime de Mariz. **Economia internacional e comércio exterior**. São Paulo, 2007 Ed. Atlas.

MEREGE, Ana Lúcia. **A História da escrita: uma introdução**. Anais da biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Vol.129. Rio de Janeiro: A Biblioteca, 2011. Pp.167-176.

PINSKY, Jaime. **As primeiras Civilizações**. 13 ed. São Paulo: Atual, 1994.

PINSKY, Jaime. **As primeiras Civilizações**. 25 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

ROUAULT, O. **O cerimonial do comércio**. In: História viva: Mesopotâmia, o berço da Civilização. São Paulo, n.6, p.24-9, Maio. 2004

SCHMIDT, Paulo. SANTOS, José L. dos. **História do Pensamento Contábil**. São Paulo: Atlas, 2006. P. 179. Vol. 08. (Coleção Resumos de Contabilidade).

DORES, Nuno Filipe Pires. **A importância da arquitetura e do arquiteto nos conceitos comerciais de retail** / Nuno Filipe Pires Dores; orientado por Luís Manuel Pires Pereira. - Lisboa: [s.n.], 2017. - Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. Disponível em:<
<http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/4523>> Acesso em: 30/10/2019.